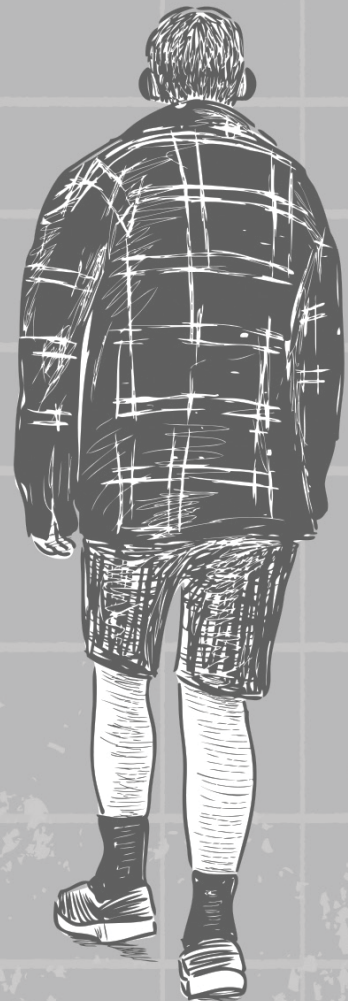
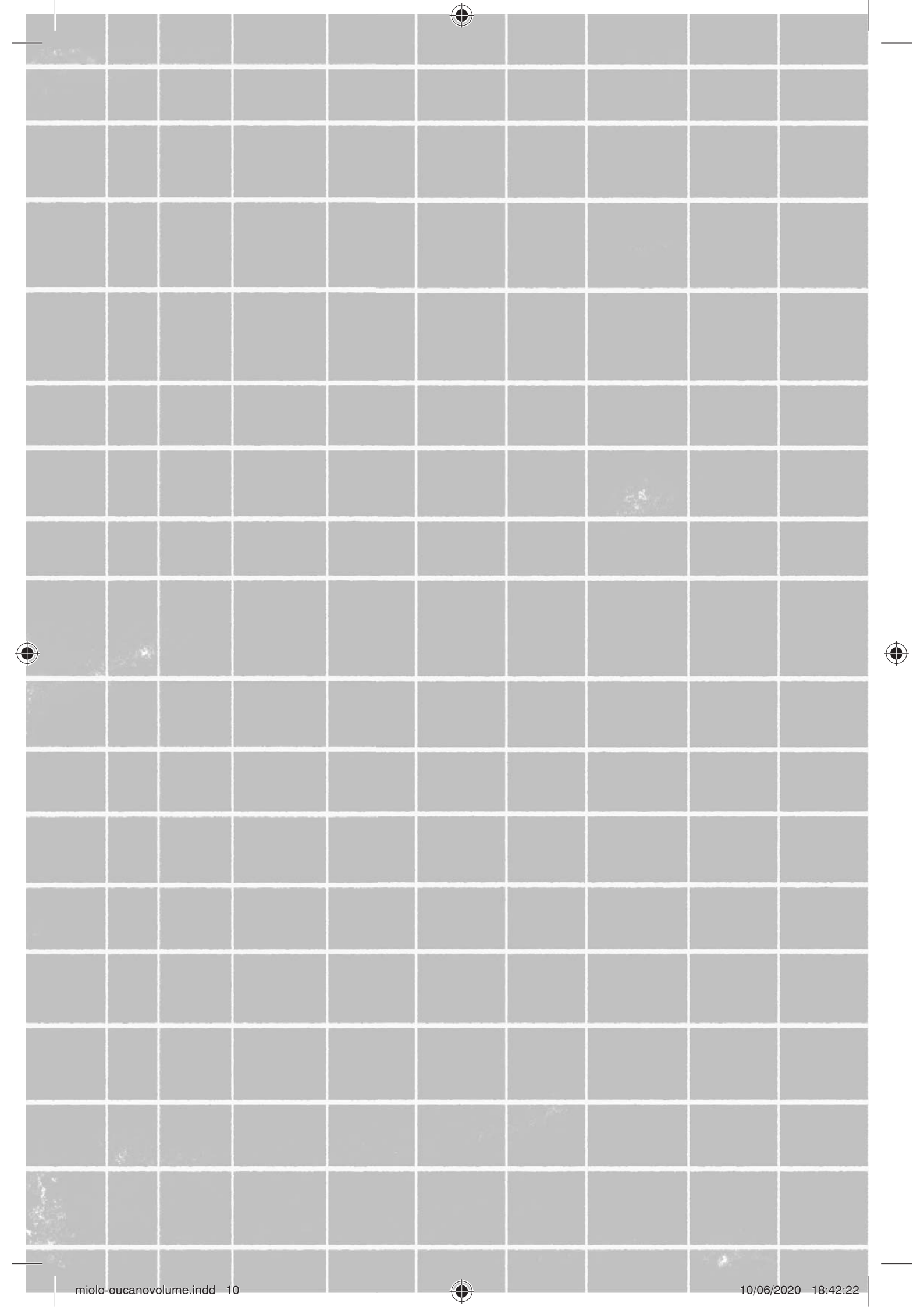


**Ouçã
no
volume
máximo!**

José Manoel Ribeiro

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2020





Aquela conversa



Estava sentado à mesa da cozinha com o livro de Geografia aberto e, enquanto minha mão direita se desdobrava entre o lápis e as folhas daquela ultrapassada obra didática (nela ainda não constava uma Alemanha reunificada!), a mão esquerda apenas servia de apoio para a minha cabeça: a moldura estranha de um rosto entediado. Minha mãe já havia pedido várias vezes que eu saísse dali, que aquela não era a hora de fazer a tarefa e que meu pai já estava chegando do trabalho para o jantar. Uma mesa bem-posta, organizada e sortida era o mínimo que o velho merecia depois de dez horas seguidas ralando naquela metalúrgica escura, permeada de uma nebulosa química. Isso sem contar outras duas horas pendurado em ônibus lotados, recebendo os respingos cortantes da garoa insistente.

Apesar de entender e sentir tudo isso, eu permanecia ali, na teimosia de adolescente, louco para terminar o dever de casa, mesmo que com garranchos quase ilegíveis, para ter tempo de fincar os olhos no nosso televisor, uma

Telefunken comprada de segunda mão. Mas o velho chegou quando eu ainda estava debruçado na desordem. Lápis, borracha, canetas e folhas de papel. Além, claro, daquela cara remontada de medo, o que ajudava na concepção da bagunça geral da mesa, amparada somente na chantagem óbvia do “Quero me formar e ser ‘alguém’ na vida, pode ser?”. Ele se aproximou na concisão costumeira do seu “boa-noite” sem palavras, gesticulado num sorriso brando. Após deixar o guarda-chuva molhado aberto num canto da cozinha e ser prontamente repreendido por minha mãe (ainda hoje ela diz que isso dá azar), veio até a mesa e botou o dedo indicador sobre o livro, resvalando o seu braço proletário na minha orelha xucra, bem em cima da geometria quase perfeita do mapa do estado de São Paulo. Foi subindo lentamente rumo ao norte, até um ponto único, preciso, para depois ir um pouquinho mais ao leste. “Aqui”. E esse “aqui” mostrava a palavra “Bahia”. Naquele momento, nós sorrimos juntos. Eu, pelo alívio de não ter recebido a temida bronca, e ele, talvez pela esperança cada vez mais viva de um dia voltar à sua terra natal.

Aquela conversa já havia aparecido lá em casa, mas notei que, nos últimos tempos, ela começava a surgir com mais frequência. Meus pais sempre sonharam em voltar para a Bahia. E, logicamente, nós, os filhos, muito

jovens como éramos, teríamos de ir junto. Aquela ideia me dava calafrios porque a última lembrança que guardava de lá era a de quando tinha oito ou nove anos. Melissa nem era nascida, e Manuela era uma doçura de menina, não o estorvo em que se transformara. Depois disso, e agora com três filhos, não sobrava grana para viajarmos. As férias eram iguais aos outros dias do ano, só que sem a escola (aleluia!).

Não que essas lembranças do Nordeste fossem ruins, muito pelo contrário. Apesar da viagem longa de quase trinta horas num ônibus chinfrim, valia a pena cada minuto de enjoo, cada ameaça de vômito.

Primeiro visitávamos o interior. Levantava quando queria, tomava banho de rio, caminhava seguindo a linha do trem e, aos poucos, perdia a noção do tempo, das datas e até dos dias da semana. Lembro-me também de caçar com estilingue (que lá na Bahia chamavam de *ba-doque*) e de jogar bola no terrão – prazeres que em São Paulo já eram impossíveis de se ter. Depois íamos para Salvador, visitar a parte da família de meu pai que havia fugido das dificuldades do sertão e escolhido a metrópole mais próxima para morar. Lá, um esboço de São Paulo começava a surgir. As paisagens eram mais parecidas, um enquadramento constante de prédios e favelas que tentava se harmonizar. A diferença estava naquele

azul todo nas bordas, naquele branco areado para além das avenidas. Um deslumbre. Coisa de perder o fôlego.

A questão é que eu já me sentia integrado àquele caos urbano. Já me acostumara a ver o sol alaranjado lutando para vencer a fumaça e, só então, amanhecer. Já fazia parte de mim aquela camada cinza de um céu opaco e aquele rio agonizante sob a ponte João Dias. E eu não tenho vergonha de dizer, até achava bonito essa batalha heroica da natureza. Além do mais, por mais que eu tivesse vergonha de admitir, tinha alguns sonhos guardados. Eu queria escrever para jornais ou trabalhar em rádio, e acreditava que em São Paulo isso pudesse acontecer, mesmo que por acidente ou sorte. Se me perguntassem qual seria a profissão dos meus sonhos, ela seria a de locutor de rádio (mas com essa voz!), AM ou FM, tanto faz, desde que fosse durante a madrugada. Da meia-noite às cinco.

Meu consolo era que essa conversa sobre a Bahia sempre terminava num suspiro. Até eles mesmos sabiam que, no fundo, seria uma loucura retornar ao berço. Meu pai ainda fazia, em momentos de esperança insensata, as contas de um coração migrante: quatro ou cinco anos para frente, quando a aposentadoria já tivesse saído e o filho mais velho formado no segundo grau, quem sabe? Pelo menos se isso realmente acontecesse (eu

conjecturava em segredo), poderia bater de frente, argumentar, e ficar na cidade sozinho, num quarto alugado de cortiço, trabalhando como *office-boy* ou coisa parecida, até a minha sorte virar.



manoelpibid@gmail.com
[facebook.com/manoel.ribeiro.39750](https://www.facebook.com/manoel.ribeiro.39750)



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Avenir Next LT
Pro pela Editora Penalux e impresso em
papel off-white 80 g/m², em maio de 2020.
